

“‘O Tempo e o Modo’ foi um lugar único de diálogo”, realçou Jorge Sampaio

Sessão solene evocou 40 anos da revista

ANTÓNIO ARNALDO MESQUITA

“‘O Tempo e o Modo’ foi um lugar único de diálogo e de confrontos dos nossos mitos e dos nossos dogmas”, acentuou o Presidente da República, Jorge Sampaio, ontem, em Lisboa, na sessão solene do 40º aniversário da revista, criada por um grupo de antigos activistas e dirigentes da Juventude Universitária Católica, entre os quais se incluíam António Alçada Baptista, Bénard da Costa, Nuno Bragança e Alberto Vaz da Silva.

Colaborador da revista logo no primeiro número, o Presidente da República reavivou memórias e episódios e reconheceu: “Nestes tempos que correm é muito bom estar aqui.”

Num improviso, Sampaio admitiu que, no movimento que originou a revista de pensamento e acção, “havia diversos objectivos, incluía diversos proveniências várias”, que convergiram esforços para “fazer algo de novo”. Recordou algumas iniciativas da revista como o caderno intitulado “Deus, o que é?”, frisando que o seu conteúdo gerava perturbação ao “mais feroz dos agnósticos”. A revista foi uma encruzilhada da vida de Jorge Sampaio, que ali reencontrava alguns dos activistas do movimento associativo envolvidos na chamada crise académica de 1962.

Jorge Sampaio destacou várias personalidades marcantes da revista, ao lembrar

“as conspirações” na Livraria Moraes, na Rua da Assunção, em Lisboa, adquirida por Alçada Baptista, o primeiro director da revista e que apontou como um “ecuménico avant la lettre”. O Presidente da República evocou um episódio que lhe foi narrado por Alçada Baptista e ocorrido quando a polícia política fez muitas prisões entre os 101 signatários de um manifesto de demarcação face à guerra colonial. Um dos detidos era um comerciante que “não era conspirador”, afiançou Sampaio, que ingenuamente

perguntou aos pides: “Têm prendido muita gente hoje?”

“Uma ponte entre crentes e não crentes”

Imigrado em França, um observador privilegiado foi Eduardo Lourenço, que, ontem, evocou os jovens católicos que se lançaram num desafio atrevido. “Não o faziam para confortar a ideologia dominante do regime salazarista”. Muito pelo contrário, reconheceu Eduardo Lourenço: estavam empenhados em “desvincular toda uma geração do laço

orgânico da versão salazarista do catolicismo”. Há 40 anos, reconheceu, “os tempos estavam maduros”. O mundo tinha mudado, a guerra fria entrava numa nova fase e o Portugal de Salazar pertencia ao Mundo Livre, à Nato desde 1949 e, “na cruzada anticomunista, ninguém lhe levava a palma”.

A emergência de uma nova atitude verificou-se num tempo em que o país tinha uma oposição militante, “culturalmente importante”. Essa oposição [aglutinada em torno do PCP] tinha um posicionamento peculiar, segundo Eduardo Lourenço. “Estava a Leste, nem à esquerda, nem à direita...”, diz. “‘O Tempo e o Modo’ surge ao arrepio do maniqueísmo dos anos 50 e assumia-se como “uma ponte entre crentes e não crentes”, apostada em perturbar a paz dos espíritos, na esteira de dois abalos sísmicos: a morte de José Estaline e do papa Pio XII. Eduardo Lourenço falou mesmo em revolução silenciosa, ao lembrar que a revista, que teve como primeiro director Alçada Baptista, saiu do prelo três meses antes do concílio Vaticano II.

“Tudo se fazia no fio. No fio da navalha”, afirmou Eduardo Lourenço. Nas montras da exposição patente na Gulbenkian, um dos textos censurados pelo lápis azul do Exame Prévio salazarista é uma breve, aludindo à encíclica “Pacem In Terris”, do Papa João XXIII. A visita é elucidativa do rigor dos censores salazaristas e, como recordou Jorge Sampaio, “‘O Tempo e o Modo’ teve seis mil páginas editadas. Mas, lembrou o Presidente, outras tantas foram cortadas pela censura. ■

“Faz as tuas memórias, João”

Dirigindo-se a João Bénard da Costa, primeiro chefe de redacção da revista, Sampaio intimou-o a escrever as suas memórias, para recordar a sua vivência das últimas quatro décadas e a importância de se “entender o outro” e “fazer os consensos necessários”. “Isto avança pouco a pouco”, reconheceu Sampaio. “Pára um bocadinho e faz as tuas memórias, desde os tempos da JUC até aos dias de hoje. (...) Precisamos disso como de pão para a boca”, assegurou Sampaio, que não deixou de realçar o legado de Helena Vaz da Silva. Uma mulher corajosa, dotada de “uma capacidade imensa de nunca esmorecer”. “Foi uma grande figura da vida nacional.” A cerimónia que ontem decorreu na Fundação Gulbenkian permitiu também uma incursão aos anos 60, cujo rumo português foi influenciado pelas eleições presidenciais de 1958, as crises académicas e a afirmação de uma postura cultural autónoma. Bénard da Costa com alguma ironia recordou uma carta recebida por Alçada Baptista, nas seqüências do manifesto dos 101. “Felicito-vos pela vossa coragem” dizia a missiva, que era assinada por um anónimo do Porto... Bénard da Costa sublinhou que um dos lemas de “O Tempo e o Modo” poderia ser a “luta contra a desordem estabelecida”, naqueles sete anos de vida da I série da revista, concluída, em 1970. Este epílogo ocorreu após a redacção ter sido franqueado aos “maistas” [seguidores do Maio de 1968] e aos “maoistas”. Estes acabariam por assumir uma posição dominante na revista, que ajudou a “varrer muitos fantasmas daquele tempo”. A.A.M.